

# Aspectos do aspecto: revisitando a discussão sobre os morfemas aspectuais do português

Maurício RESENDE<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
| mauricio.s.resende@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7487-5043>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i2.4001>

**Resumo:** Este artigo discute a natureza morfossemântica dos morfemas de aspecto gramatical do português – em particular, da variedade brasileira – com destaque para os expoentes das então chamadas “formas nominais do verbo”, a saber, infinitivo (-r), gerúndio (-nd-) e particípio (-d-). Com base em dados coletados via introspecção bem como a partir de pesquisa documental (ou seja, consulta a dicionários e buscas na internet), este trabalho discute a composição aspectual, à luz da Semântica Formal, dos morfemas que compõem o inventário aspectual do português. Para tanto, este artigo, primeiramente, aborda o problema da caracterização aspectual do ponto de vista empírico e conceitual e, na sequência, discute que tipos de leitura são (ou podem ser) associados aos diferentes empregos dos morfemas de infinitivo, gerúndio e particípio. Ao final, a ideia é mostrar que esses morfemas preservam sua composicionalidade semântica, independentemente do ambiente em que ocorrem e, adicionalmente, fornecer um quadro mais amplo dos morfemas aspectuais no português, na interface entre morfologia e semântica.

**Palavras-chave:** Aspecto. Morfemas aspectuais. Infinitivo. Gerúndio. Particípio. Semântica Formal.

---

## **Aspects of aspect: reviewing the discussion of Portuguese aspectual morphemes**

**Abstract:** This paper discusses the morphosemantic nature of grammatical aspect morphemes in Portuguese – particularly in the Brazilian variety – with a focus on the exponents of the so-called “nominal forms of the verb,” namely the infinitive (-r), gerund (-nd-), and participle (-d-). Based on data collected through introspection as well as from documentary research (i.e., consultation of dictionaries and online searches), this study analyzes the aspectual composition of these morphemes within the framework of Formal Semantics. To this end, the paper first addresses the problem of aspectual characterization from both an empirical and conceptual standpoint and subsequently discusses the types of readings that are (or can be) associated with the various uses of the infinitive, gerund, and participle morphemes. Ultimately, the aim of this paper is to demonstrate that these morphemes retain their semantic compositionality regardless of the syntactic environments in which they occur, and to provide a broader overview of aspectual morphemes in Portuguese at the interface between morphology and semantics.

**Keywords:** Aspect. Aspectual morphemes. Infinitive. Gerund. Participle. Formal Semantics.

## | Introdução

A discussão acerca da categoria ASPECTO<sup>2</sup> gramatical é bastante extensa e multifacetada (além de ser, em muitos casos, controversa). Tal categoria é definida como sendo a expressão de “diferentes formas de conceber a constituição temporal interna de uma situação” (Comrie, 1976, p. 3). Dito de outro modo, uma dada eventualidade (evento ou estado) pode ser expressa descritivamente, via de regra, como concluída (ASPECTO PERFECTIVO), exemplificado em (1a), ou como não concluída (ASPECTO IMPERFECTIVO), sendo possível expressar a imperfectividade de uma dada eventualidade como uma série de eventos/ estados (ASPECTO HABITUAL), como em (1b), ou como uma eventualidade em andamento (ASPECTO PROGRESSIVO), como em (1c).

- (1) (a) Ana varreu a casa (ontem).  
(b) Ana varre a casa (todo sábado).  
(c) Ana está varrendo a casa (enquanto falamos).

Do ponto de vista semântico, não raramente, a categoria de aspecto é analisada e discutida junto às categorias de TEMPO e de ACIONALIDADE<sup>3</sup>, dado o grau de intersecção entre elas. No que tange à categoria de tempo, por exemplo, a intersecção com o aspecto se dá em uma dimensão semântica, sendo o *tempo* referente à constituição temporal “externa”, isto é, a um ponto na linha temporal (passado, presente, futuro), mas também em uma dimensão morfológica, pois, em muitas línguas, há apenas um morfema para expressar tanto tempo quanto aspecto; por exemplo, no português, em que *-va* em *cantava* não indica apenas tempo passado, mas também aspecto imperfectivo.

Com a acionalidade, a categoria de aspecto se intersecta na noção de “conclusão” de uma dada eventualidade: ao passo que o aspecto apresenta a situação como estando ou não concluída, independentemente de quais propriedades exibe, a acionalidade envolve TELICIDADE; isto é, a propriedade de uma dada situação ter inerentemente um ponto de culminação – um *telos*. Especificamente, um predicado como *cair* é inerentemente télico (ou seja, o que sabemos sobre cair envolve o reconhecimento de que, em algum momento, esse evento atinge um ponto de culminação – a queda) independentemente de se tal evento é apresentado como concluído (o *copo caiu*) ou em andamento (o *copo estava caindo quando Ana o pegou*).

---

2 Também chamado de “aspecto gramatical”, “aspecto externo”, “aspecto de ponto de vista” e “aspecto verbal”.

3 Também conhecido como “aspecto lexical”, “aspecto interno”, “aspecto de situação” e “*Aktionsart*”.

Para além das fronteiras da dimensão semântica, há questões que versam sobre sua expressão; em particular, sobre qual é o inventário morfológico (ou morfossintático) de uma dada língua para expressar os diferentes valores aspectuais. A respeito dessa questão, o português, por exemplo, não dispõe de um repertório de morfemas discretos para expressar aspecto, pelo menos nas formas finitas do domínio verbal. Como recém-mencionado, *-va* não expressa apenas aspecto, mas também tempo; ao mudar o tempo, muda-se também a expressão: *está cantando* (também imperfectivo, mas presente) ou *cantou* (também passado, mas perfectivo).

Essa propriedade, conhecida como CUMULAÇÃO, coloca desafios adicionais para a discussão sobre a expressão de aspecto por duas razões principais, quais sejam: (i) isolar a expressão da categoria de aspecto da de outras categorias e (ii) identificar, com clareza, expoentes aspectuais na ausência de uma marca morfológica discreta. No bojo dessas considerações, o presente trabalho tem o objetivo de discutir o problema da expressão do aspecto em português com foco em uma questão menos discutida na literatura, a saber, a expressão de aspecto no domínio derivacional: o inventário morfológico do português na formação de, por exemplo, nomes de participante de evento como *visitante* e *graduando*, para além de evento expressos por formas verbais como *visitava* ou *graduou(-se)*.

Especificamente, o objetivo deste trabalho é mostrar qual a denotação dos principais morfemas de aspecto do português e argumentar que eles dão a mesma contribuição semântica nos diferentes contextos em que aparecem, ainda que certos contextos possam contribuir composicionalmente para o significado da estrutura em que esses morfemas aparecem; ou seja, nem sempre será apenas o morfema o portador do significado da expressão. Além disso, segundo a análise defendida neste trabalho, a variação na expressão é uma questão (idiossincrática) morfológica, não semântica.

Para tanto, este trabalho está dividido da seguinte forma: em § 2, eu vou apresentar um panorama acerca da expressão de aspecto no português bem como uma breve revisão da literatura acerca da contribuição semântica dos morfemas nos domínios verbais finito e não finito. Na sequência, em § 3, eu vou introduzir uma análise formal para os principais morfemas de aspecto, em uma *abordagem relacional de aspecto* (Binnick, 2006) já discutidas na literatura, e mostrar as suas diferentes ocorrências em português, a saber, aspecto progressivo (§ 3.1), aspecto habitual (§ 3.2), aspecto perfectivo (§ 3.3) e aspecto neutro (§ 3.4). Em síntese, este trabalho visa a discutir, de forma mais aprofundada, a denotação dos morfemas individuais, de modo que seja

possível otimizar o mapeamento da relação entre forma e significado em uma perspectiva formal.

## | A expressão de aspecto em português

Tradicionalmente, desde a postulação de um templatô para os morfemas verbais do português por Camara Jr. (1970, p. 104), a expressão de aspecto tem sido concebida como parte constitutiva do SUFIXO MODO-TEMPORAL (SMT) que fica entre o TEMA (T) (RAIZ (R) + VOGAL TEMÁTICA VERBAL (VT)) e o SUFIXO NÚMERO-PESSOAL (SNP), como esquematizado em (2). Com base nesse templatô, característico de modelos item-e-arranjo, é possível admitir, seguindo Monteiro (2002) e Schwindt (2014, p. 154), que os morfemas cumulativos que expressam aspecto nas formas verbais finitas são aqueles do Quadro 1.

(2) T (R + VT) + SF (SMT + SNP)

**Quadro 1.** Morfemas que expressam aspecto nas formas verbais finitas

Morfema MT	Categoria	Exemplo
-ra-	PRET.PERF.IND.3.PL.	amaram
-va-	PRET.IMPERF.IND.1CL.	amava
-a-	PRET.IMPERF.IND.2/3CL.	bebia / dormia
-sse-	PRET.IMPERF.SUB.	amasse
-e-	PRES.SUB.1CL.	ame
-a-	PRES.SUB.2/3CL.	beba / durma
-ria-	FUT.PRET.IND.	amaria
-r-	FUT.PRES.IND.	amará
-r-	FUT.SUB.	(quando ele) amar

**Fonte:** Elaboração própria

O Quadro 1 ilustra o cenário da cumulatividade na expressão do aspecto no domínio verbal finito do português. Seguindo o templatô em (2), várias das realizações de SMT são  $\emptyset$  (*canta- $\emptyset$ -m* vs. *canta-ra-m*), e há ainda casos, no modo indicativo, de alomorfia condicionada pela pessoa gramatical no pretérito imperfeito (*cantávamos* vs. *cantáveis*) e no futuro do presente (*cantarei* vs. *cantará*) bem como alomorfia condicionada pela CLASSE (CL.) (*cantava* vs. *bebia/dormia*).

A partir dessa descrição simplificada e deixando de lado a discussão sobre a melhor forma de subdividir e/ou encaixar as peças morfológicas no templatô em

(2), quanto ao aspecto, há duas observações interessantes. A primeira delas é que a caracterização tradicional “SMT” exclui, de antemão, a expressão de aspecto como sendo parte constitutiva relevante daquele morfema e, adicionalmente, as únicas designações para os tempos verbais que fazem referência ao aspecto só aparecem efetivamente nas formas do pretérito (*perfeito*, *imperfeito* e *mais-que-perfeito*) e nem sempre condizem com aspecto de fato.

Isso pode ser consequência da falta de morfemas de aspecto discretos no domínio flexional finito bem como da falta de uma teorização acerca da contribuição semântica dos morfemas no Estruturalismo – modelo em que o templatismo em (2) foi formulado.<sup>4</sup> De todo modo, essa terminologia tradicional (apresentada na “categoria” do Quadro 1) pode eventualmente mascarar as leituras aspectuais nos tempos verbais em que não há uma marca discreta de aspecto; em particular, nas formas simples, como o presente e o futuro – ou seja, descritivamente, o reconhecimento de leituras aspectuais depende, às vezes, da existência de morfemas discretos e, até mesmo, de uma designação que contemple a contraparte aspectual.

A segunda observação é a de que, desconsiderando as marcas zero e as alomorfas, o número de morfemas que efetivamente expressam aspecto é ainda mais reduzido. Além disso, no domínio finito, a informação de aspecto é dada cumulativamente com a de tempo e modo (e, às vezes, concordância), e algumas leituras aspectuais não são mais expressas no português brasileiro (PB) por morfemas discretos, mas por perífrases verbais como é o caso do pretérito mais-que-perfeito (*amara* vs. *tinha amado*).

Pondo de lado esses casos, uma questão que concerne à expressão de aspecto versa sobre o estatuto aspectual dos morfemas que aparecem nas formas verbais não finitas, a saber, infinitivo, gerúndio e particípio. Se por um lado, no domínio das formas finitas, a principal questão de análise é a segmentação dos morfemas, com pouca discussão sobre sua contribuição semântica (isto é, se, por exemplo, o morfema de pretérito imperfeito significa *passado* e *imperfectivo*) – mas cf. Ferreira (2017) para um tratamento formal; por outro, no domínio das formas não finitas, a segmentação dos morfemas é relativamente consensual (*-r* para infinitivo, *-nd-* para gerúndio e *-d-* para particípio), e é a sua contribuição semântica que tem sido alvo maior de divergência entre os linguistas. O Quadro 2<sup>5</sup> sintetiza parte dessa controvérsia.

---

4 Cf. Resende (2023) para uma discussão da herança estruturalista na formulação dos problemas morfossemânticos nas teorias contemporâneas de Morfologia.

5 Na verdade, tanto Pontes (1972, p. 85) e Travaglia (1981, p. 172) quanto Rodrigues (2006, p. 85) analisam o infinitivo como sendo uma marca “neutra” de aspecto. No entanto, pela discussão dos autores, é possível

## Quadro 2. Interpretação dos morfemas nas formas não finitas

Autor	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Pontes (1972)	sem valor aspectual	linear	não linear
Travaglia (1981)	sem valor aspectual	imperfectivo	perfectivo
Costa (1990)		processo	resultado
Lunguinho (2006)	imperfectivo	imperfectivo	perfectivo
Rodrigues (2006)	sem valor aspectual	progressivo	

**Fonte:** Elaboração própria

O Quadro 2 constitui apenas uma síntese de alguns trabalhos que se debruçaram especificamente sobre a contribuição semântica dos morfemas de infinitivo, gerúndio e particípio no PB. Esse quadro seria certamente maior se fossem considerados trabalhos que analisam perífrases verbais (como *estar* + gerúndio, por exemplo)<sup>6</sup>; porém, o escopo deste estudo jaz na contribuição semântica dos morfemas tomados isoladamente, deixando de lado a discussão de suas implicações para a caracterização dos tempos compostos ou das perífrases verbais etc.<sup>7</sup>, mesmo ciente de que certas nuances aspectuais não são capturadas por morfemas isoladamente (como em *tenho cantando* e *vou estar cantando*).

Por sua vez, quanto à expressão de aspecto no domínio derivacional, esta é uma linha de investigação bem menos desenvolvida para o PB. Naturalmente, há quem possa argumentar que as então chamadas “formas nominais do verbo” são também parte da morfologia derivacional; seja como for, eu vou assumir que a marca de aspecto no domínio derivacional são os morfemas que aparecem, por exemplo, em algumas nominalizações, como será abordado em § 3.

Especificamente, a próxima seção (§ 3) oferece uma análise unificada e sistemática dos morfemas de aspecto e de sua contribuição semântica nos diferentes contextos. Por motivos de espaço, eu não vou abordar a questão de como lidar com problemas especificamente morfológicos que tangem à

---

interpretar essa “neutralidade” como sendo uma ausência de contribuição semântica em relação a ser perfectivo ou imperfectivo. A opção por não adotar essa terminologia tem a ver com discussões mais recentes sobre as categorias aspectuais que assumem, por exemplo, que neutro é um terceiro valor aspectual e não uma ausência de aspecto. Este é o caso de Pires de Oliveira e Resende (2023, p. 8), que analisam o infinitivo do português como sendo a realização de um aspecto neutro, criando um sistema aspectual tripartite.

6 Para tanto, cf., por exemplo, Ilari e Montoanelli (1983) e Wachowicz (2002).

7 Sobre a relação entre aspecto e auxiliariedade, cf. Rech (2011) e Ilari, Oliveira e Basso (2016).

expressão do aspecto nem mesmo implementar a forma como os morfemas de aspecto interagem na estrutura morfológica/sintática.

Ainda assim, é preciso ter claro que nem tudo o que alguns trabalhos assumem como “aspectual” é, de fato, aspecto do ponto de vista semântico – cf. Bertinetto (2001) para uma discussão detalhada, Basso e Pires de Oliveira (2011) e Resende (2019) para uma análise desse problema no PB. Nesse cenário, eu vou simplesmente assumir que a categoria de *aspecto gramatical* é codificada em um estágio diferente (e posterior) na estrutura morfossintática dos predicados verbais e que as propriedades aspectuais (*stricto sensu*) devem ser tratadas à parte das propriedades das eventualidades.

## | As leituras aspectuais do português

Do ponto de vista semântico, a presente análise se constrói em uma perspectiva neo-davidsoniana para a representação de eventos e assume uma visão relacional de aspecto (Klein, 1994; Ilari, 1997; Bohnemeyer, 2014)<sup>8</sup> no sentido de que *aspecto* é uma relação entre o tempo de um evento e o tempo de referência, e os diferentes valores aspectuais são construídos a partir dessa relação. Como adiantado em § 1, o aspecto gramatical descreve a maneira como os eventos são descritos pelos falantes. Especificamente, seguindo Klein (1994), o aspecto gramatical é uma relação entre o tempo do evento, representado por  $\tau(e)$ , e o tempo de referência<sup>9</sup>, um intervalo de tempo, representado por  $i$ .

Formalmente, aspecto (Asp) é uma categoria codificada posteriormente à dos eventos (Schmitt, 2001, p. 433; Wachowicz; Foltran, 2006, p. 227) e denota uma função que toma um conjunto de eventos e retorna um conjunto de intervalos de tempo. A relação entre o tempo do evento e o tempo de referência é definida pelo traço do aspecto: se Asp for [PERFECTIVO], então  $\tau(e) \subset i$ ; se for [IMPERFECTIVO], então  $\tau(e) \supseteq i$ . Não obstante, como mencionado, o português faz uma distinção morfológica adicional no que tange à codificação do aspecto imperfectivo, que pode ser progressivo ou habitual, como mostrado a seguir.

## | O aspecto progressivo

Sobre o aspecto progressivo, eu vou assumir que  $Asp_{[PROGRESSIVO]}$  é sempre realizado por *-nd-* e que denota uma função que toma um conjunto de eventos e retorna um conjunto de intervalos de tempo em que o tempo de referência

---

8 Cf. Binnick (2006) para uma breve apresentação de outras abordagens e para referências.

9 Para Klein (1994). “tempo do tópico”; às vezes, também chamado “momento de referência” (Ilari, 1997).

está contido dentro do tempo do evento. Isso captura a leitura de evento “em progresso”; a parte do evento descrita pela falante é a que focaliza o seu desenvolvimento (sem se comprometer com a sua conclusão). Essa leitura é formalmente representada em (3)<sup>10</sup>, inspirada em Bohnemeyer (2014) – “P” indica a propriedade denotada pela raiz.

$$(3) \llbracket [\text{PROG}] \rrbracket = \lambda i. \lambda P. \exists e. P(e) \wedge \tau(e) \supset i$$

No presente trabalho, o foco da análise reside apenas na contribuição semântica do morfema e não na de outros elementos que podem coocorrer com ele – como, por exemplo, na diferença entre *Ana está fazendo gracinha* vs. *Ana vive fazendo gracinha*, em que o verbo finito certamente dá alguma contribuição aspectual para a construção do significado do predicado. De todo modo, cabe mostrar que o morfema de progressivo que ocorre com verbos em perífrases e/ou locuções é o mesmo morfema que ocorre nas nominalizações gerundivas, como (4), e nas orações adverbiais, como (6a), (7a) e (8a) a seguir.

- (4) (a) orientando, educando, graduando, formando, doutorando  
(b) vestibulando, mestrando

Uma discussão preliminar sobre as nominalizações gerundivas no PB aparece instanciada em Araújo-Adriano (2021) e Resende e Basso (2024); os exemplos em (4a) têm uma contraparte verbal, ao passo que aqueles em (4b) não têm (*\*vestibular<sub>[V]</sub>*, *\*mestrar*). A leitura de evento em progresso está presente nessas nominalizações de participante no sentido de que o que caracteriza o indivíduo é a duração do seu estado de “participação” em um evento em progresso.

Assim como no caso das perífrases verbais, o paradoxo do imperfectivo (Dowty, 1979) também se aplica às nominalizações gerundivas. Tendo em vista o seu comportamento com diferentes classes de aspecto lexical, dado um predicado  $\phi$  de atividade, como *orientar*,  $\phi$  ter sido feito por um certo período de tempo acarreta que  $\phi$  foi feito. Nesse raciocínio, se Carlos estava orientando Pedro, então Carlos orientou Pedro, da mesma forma que se Pedro era orientando de Carlos, então Carlos orientou Pedro (independentemente de por quanto tempo); logo, (*ser*) *orientando* acarreta que houve orientação.

Por sua vez, com relação aos predicados *accomplishment* do tipo de *formar(-se)*,  $\phi$  ter sido feito por um certo período de tempo não acarreta que  $\phi$  foi

---

10 É verdade que, desde Landman (1992), os semanticistas admitem que uma análise puramente extensional do progressivo não dá conta de capturar alguns fatos importantes, como o comprometimento com a existência de objetos que são criados por eventos *accomplishment*, sem que esses eventos tenham sido concluídos. Como a presente discussão está focada nas diferentes relações entre temporais, eu vou assumir uma análise extensional (e mais simplista) de aspecto progressivo.

feito. Seguindo esse raciocínio, *Pedro estava se formando* não acarreta que *Pedro se formou*, da mesma sorte que *Pedro era formando* não acarreta que *Pedro se formou* ou que *Pedro é formado*. Portanto, de acordo com esse teste, o paradoxo do imperfectivo se aplica também às nominalizações, o que é uma evidência de que se trata do mesmo morfema.

Um segundo teste para aferir as propriedades aspectuais de uma dada forma é apresentado por Müller (2020): a coocorrência com modificadores como *depois* requer que a forma modificada apresente um evento completado. Isso explica por que (5a) é malformado, mas (5b) não é. Quanto a (5c), a inserção de um modificador durativo torna a sentença bem-formada.

- (5) (a) \*Depois de orientando, Pedro pode solicitar auxílio financeiro.  
(b) Depois de orientado, Pedro pode solicitar auxílio financeiro.  
(c) Enquanto orientando, Pedro pode solicitar auxílio financeiro.

Por fim, quanto ao morfema de progressivo que aparece nos verbos que encabeçam orações adverbiais, eu vou assumir que elas podem ser de dois tipos, a saber, temporais, como (6a) e condicionais, como (7a) – essas orações já aparecem discutidas em Lunguinho e Bertucci (2013).

- (6) (a) Entrando no elevador, Ivone encontrou Rebeca.  
(b) Quando entrava no elevador, Ivone encontrou Rebeca.  
(7) (a) Orientando Pedro, Carlos cumprirá as exigências do programa.  
(b) Se orientar Pedro, então Carlos cumprirá as exigências do programa.

Para a leitura temporal, em (6a), pode-se admitir que a oração adverbial denota, na verdade, o tempo de referência em relação ao evento de encontro, e que a leitura é de simultaneidade; ou seja, o evento de encontro com Rebeca é simultâneo ao evento de entrada no elevador. Especificamente nesse exemplo, o (tempo do) evento *achievement* de encontro está contido dentro do tempo de referência, que é o evento *achievement* da entrada. Nesse caso, a parte relevante da forma lógica de (6a), inspirada na proposta de Müller (2020), é (8). Vale notar que a interpretação de (8) é derivada de (3), e o tempo de referência é, assim, o evento expresso pelo verbo no gerúndio.

$$(8) \exists e. \exists e'. \text{ENCONTRAR}(e) \wedge \text{ENTRAR}(e') \wedge \tau(e') \supset \tau(e)$$

Por sua vez, no caso da leitura condicional, em (7a), para além da contribuição semântica do progressivo, há dois ingredientes adicionais. O primeiro deles é o de que a oração adverbial não expressa um evento simultâneo, mas uma relação entre um evento antecedente e um evento conseqüente; isto é, colocando de forma muito simplificada, um período do tipo  $\phi$ -ndo x, então y estabelece

uma relação entre duas eventualidades em que a segunda é consequência da primeira.

O segundo detalhe tem a ver com o tipo de predicado que pode aparecer nesse adjunto condicional. Como já apontado pela literatura, o aspecto progressivo é compatível com predicados de atividade e de *accomplishment* (indicando a leitura de evento em progresso), mas não prototipicamente com predicados estativos e de *achievement* (Lunguinho; Bertucci, 2013). Com os *achievements*, o progressivo parece indicar um intervalo de tempo anterior ao atingimento do *telos* e à mudança de estado – um estágio “preparatório” como em *Pedro está chegando*. Seja como for, para os presentes propósitos, o que é relevante na combinação do progressivo com as classes acionais é o que se observa no comportamento dos estativos (Basso; Ilari, 2004; Lunguinho; Bertucci, 2013; Bertucci; Rothstein, 2019).

Já é bastante sabido que o PB é uma língua muito menos restritiva (do que o inglês, por exemplo) quanto ao emprego do aspecto progressivo com estativos. Seja como for, o comportamento do morfema de progressivo com verbos nocionalmente estativos não é uniforme. Em (9), observa-se uma sistematização a respeito do comportamento de predicados estativos no aspecto progressivo – adaptada de Ilari e Basso (2004, p. 21).

- (9) Se  $\phi$  é um predicado estativo, então  $\phi$ -ndo...
- (a) ...é interpretado como presente simples (ou seja, aspecto habitual)  
João está gostando de filmes.
  - (b) ...é interpretado como um predicado télico (no caso, um *accomplishment*)  
João está ficando alto.
  - (c) ...é interpretado como tendo um sentido transitório (ou seja, incoativo)  
João está sabendo a resposta.
  - (d) ...é agramatical no caso dos verbos “tipicamente estativos”  
\*João está tendo um carro.

No entanto, apesar de haver uma subclasse “tipicamente estativa” que impõe restrições quanto ao aspecto progressivo, é justo afirmar que esta não é uma restrição que pesa sobre o morfema de progressivo em construções condicionais, como mostram os dados em (10)-(14); (11d) repetida em (10a) por conveniência. Nesse tipo de construção, mesmo leituras tipicamente estativas são bem formadas com o *morfema de progressivo*, ainda que não com a *perífrase progressiva*. A questão que se coloca, então, é a de qual a contribuição do morfema de progressivo nesses casos.

- (10) (a) \*João está tendo um carro.  
(b) Tendo um carro, João pode trabalhar como uber.

- (11) (a) \*João está tendo olhos verdes.  
(b) Tendo olhos verdes, João pode interpretar Harry Potter na peça da escola.
- (12) (a) \*Está devendo chover (cf. deve chover).  
(b) O tempo está nublado, devendo chover todo final de semana.
- (13) (a) \*Brasília está sendo a capital do Brasil.  
(b) Sendo a capital do Brasil, Brasília pode sediar a final da Copa do Mundo.

O que esses exemplos mostram é que não há restrição da classe acional quanto ao emprego do morfema de progressivo quando em orações adverbiais com leitura condicional. De todo modo, informalmente, uma sentença como (7a) afirma que se houver um evento  $e$  (orientação de Pedro) cujo tempo contiver o tempo de referência, então haverá um evento  $e'$  (cumprimento das exigências). Ainda que isso seja uma supersimplificação, essa intuição sugere que é possível manter a contribuição semântica do morfema de progressivo (como dado em (3)) também nesse contexto.

## **| O aspecto habitual**

No que diz respeito ao aspecto habitual, como qualquer tipo de imperfectivo, eu vou assumir que  $Asp_{[HABITUAL]}$  denota uma função que toma um conjunto de eventos (isto é, quantifica sobre uma variável de evento) e retorna um conjunto de intervalos de tempo em que o tempo de referência está contido dentro do tempo do evento. O que distingue esse valor aspectual do progressivo são a leitura genérica – para Müller (2020), derivada da presença de um operador genérico (GEN) – e a intuição de que o tempo de referência está contido dentro do tempo de toda a sequência habitual em vez de dentro de algum de seus subeventos.<sup>11</sup>

Informalmente, seguindo Müller (2020, p. 246), a intuição subjacente a um hábito é a de que um dado evento  $e$  ocorre “se há uma situação em que  $e$ ” ou “se há um contexto apropriado para  $e$ ”. No domínio verbal, o aspecto habitual é expresso no PB no pretérito imperfeito e no presente simples, como mostram os exemplos em (18). No caso dos eventos, eu vou assumir que o tempo da sequência de eventos que caracteriza o hábito contém o tempo de referência (daí a leitura ser imperfectiva,  $\tau(e) \supseteq i$ ); porém, no caso dos estados, eu vou assumir que se trata de predicados homogêneos e que, então, o desenvolvimento do estado ( $e_s$ ) no tempo é simultâneo ao tempo de referência (assim,  $\tau(e_s) = i$ ), como mostram os exemplos em (14).

---

<sup>11</sup> Cf. Ferreira (2016) para uma análise alternativa e Alexeyenko (2018) para alguns problemas emergentes na análise quantificacional (da leitura genérica); para os propósitos do presente trabalho, esses problemas podem ser ignorados.

- (14) (a) Marta fumava.  
 (b) Marta fuma.
- (15) (a) Marta adorava Sílvia.  
 (b) Santa Catarina fica entre o Rio Grande do Sul e o Paraná.

Semanticamente, então, a diferença entre o pretérito imperfeito e o presente simples é apenas de tempo; ou seja, da relação entre o tempo do hábito e o tempo de fala ( $\tau(e) > t_0$  e  $\tau(e) < t_0$ ) – em que “ $\tau(e) < t_0$ ” captura a intuição por trás de (14a) e (15a). A ausência de um morfema discreto para o aspecto habitual no tempo presente (junto à ausência de um morfema discreto para o próprio tempo presente) faz com que a expressão desse tempo verbal seja  $\emptyset$  – o que não raramente leva ao tratamento do tempo PRESENTE como *semanticamente não marcado* quando, na verdade, ele é apenas *morfofonologicamente não marcado*.

Pondo de lado o domínio flexional, eu vou adicionalmente assumir, seguindo Resende e Basso (2024), que o aspecto habitual também aparece no domínio derivacional/nominal e que é expresso por *-nte* – uma análise que, com outros termos, já aparece defendida em Medeiros (2006). Como mostram os exemplos a seguir, as formas no PARTICÍPIO PRESENTE<sup>12</sup> podem ser nomes, como (16), e adjetivos, como (17) – embora haja casos em que uma mesma forma possa ocorrer em ambas as categorias.

- (16) (a) fumante, estudante, governante, amante, servente, ficante<sup>13</sup>  
 (b) feirante, cliente, farsante, gestante, lactante, suplente, comediante  
 (c) visitante, assaltante, ajudante, assistente, acompanhante
- (17) (a) transante, militante, crescente, intrigante, cativante, insistente, relutante  
 (b) emocionante, intrigante, atraente, comovente, interessante

A intuição subjacente às nominalizações em (16a) é a de que elas denotam participantes envolvidos em eventos que se repetem e cuja paráfrase pode ser feita no tempo PRESENTE: “assaltante” é aquele que assalta. Com base nessa intuição, eu vou defender que há, nesses casos, também uma leitura habitual. Por exemplo, não se considera “ficante” alguém com que se ficou apenas uma vez; é necessário que haja um certo número de eventos de *ficar* para um indivíduo ser caracterizado como tal. O mesmo raciocínio se aplica a *fumante*: um indivíduo que fumou uma única vez na vida não é considerado um

12 Esta é uma terminologia que remete à origem etimológica dessas formas no latim clássico. Ao empregá-la, eu não estou me comprometendo com a análise que subjaz à cunhagem desse termo, mas apenas utilizando um rótulo que sincronicamente reúne diferentes formas em *-nte*.

13 As redes sociais têm registrado certas formas inovadoras de participio presente, dentro do campo semântico de paquera, tais como *conversante*, *olhante*, *curtinte* (*/curtante*) etc. Todas denotando aspecto habitual.

fumante. Interessante também é o nome *governanta* (em que se muda apenas a vogal final do nome em relação a *governante*), que preserva o significado de habitualidade no sentido recém-descrito, qual seja: de iteração de eventos.

O mesmo raciocínio para os nomes em (16a) se aplica aos adjetivos em (17a): *transante* é alguém envolvido em vários eventos de *transar* assim como *insistente*, em eventos de *insistir* e *cativante* de *cativar*. A diferença entre esses casos e os em (16a) é apenas de categoria. Naturalmente, a grande maioria dos participípios presentes no PB atual são herança dos participípios presentes latinos e, por isso, devido ao movimento natural da mudança linguística com o passar do tempo, estão repletos de idiosincrasias e significados especializados. O movimento, então, é o de tentar recuperar alguma composicionalidade e relação semântica entre essas formas sincronicamente.

Como também mostrado por Resende e Basso (2024), é possível tratar da contribuição individual dos morfemas sem depender da unidade que eles formam: a palavra. Isso fica claro em casos como *amante*. Apesar de a base ser estativa – *amar* –, o nome *amante* não denota (apenas) “aquele que ama”; a interpretação preferencial é a de alguém que mantém relações extraconjugais, e essa “repetição de eventos extraconjugais” é algo que pode ser depreendido do sufixo de aspecto habitual; intuitivamente, para ser considerado *amante*, um indivíduo precisa estar envolvido em mais de um evento de “amar”.

Em última análise, a raiz  $\sqrt{AM}$  ter uma interpretação não composicional no contexto nominal não obsta a interpretação composicional do morfema de aspecto. Sendo esse o caso, diferentemente de Medeiros (2006) e seguindo Resende e Basso (2024), eu vou assumir que o morfema de aspecto habitual *-nte* pode ter sua leitura preservada mesmo quando a raiz apresentar alguma leitura não composicional (determinada contextualmente) ou quando se tratar de uma raiz “não verbal”, como nos casos em (16b), ou de uma raiz não mais reconhecível sincronicamente; por exemplo, *lactante* é alguém que amamenta (iterativamente) mesmo que não haja um verbo *\*lactar* derivado de  $\sqrt{LACT}$ ; o mesmo raciocínio vale para *cliente* etc.

Finalmente, com relação aos nomes em (16c) e aos adjetivos em (17b), uma nuance semântica interessante deve ser observada. Nomes agentivos que denotam profissões, embora exibam (na presente análise) um valor habitual, também podem disparar uma leitura episódica. Por exemplo, da mesma sorte que *fofoqueiro* e *manobrista* remetem a indivíduos envolvidos comumente em mais de um evento de *fofocar* e *manobrar* (um carro), os nomes em (16c), bem como alguns nomes em (16b) e os adjetivos em (17b), podem apresentar

uma leitura agentiva episódica. Dito de outro modo, pode-se caracterizar um indivíduo como *assaltante* mesmo que ele tenha cometido um único assalto na vida, assim como *acompanhante* (em qualquer uma de suas leituras). Do mesmo modo, um indivíduo pode receber, por exemplo, uma carteirinha de “visitante” mesmo que aquela seja sua primeira e última visita a um dado local.

Essa nuance semântica de leitura habitual vs. leitura episódica é neutralizada nas nominalizações e adjetivações em *-nte*, mas pode ser observada na diferença entre, por exemplo, o gerúndio e o presente simples quando da expressão de um hábito. Bertucci e Rothstein (2019) argumentam que a diferença entre *Maria fuma* (leitura habitual) e *Maria está fumando ultimamente* (leitura habitual) é a de que o presente simples denota um hábito “estabelecido” e o progressivo, um hábito “em início” ou, mais especificamente, o “onset de um hábito” (Bertucci; Rothstein, 2019).

Seguindo esse raciocínio, uma nominalização do tipo de (17a-b) expressa que a camada nominal (das nominalizações agentivas) denota um conjunto de indivíduos que são agente de uma série de eventos (uma sequência habitual), mas uma nominalização do tipo de (16c) denota um conjunto de indivíduos que são agente de apenas o primeiro evento de uma sequência de eventos em potencial. O mesmo raciocínio se aplica a adjetivos como *emocionante*, *intrigante* etc. em (17b); um filme pode ser considerado “emocionante” tendo emocionado milhões de telespectadores ou apenas João: *João considera o filme emocionante, porque o fez chorar, mesmo ele só o tendo visto uma vez.*

## **| O aspecto perfectivo**

A respeito do aspecto perfectivo, eu vou assumir que o  $Asp_{[PERFECTIVO]}$  denota uma função que toma um conjunto de eventos e retorna um conjunto de intervalos de tempo em que o tempo de referência contém – ou é igual a – o tempo do evento, como aparece formalizado em (18); o que quer dizer que os eventos são apresentados como concluídos.

$$(18) \llbracket [PERF] \rrbracket = \lambda i. \lambda P. \exists e. P(e) \wedge \tau(e) \subseteq i$$

No entanto, diferentemente do que acontece com o aspecto progressivo, que é expresso pelo mesmo morfema nos domínios verbal e nominal (qual seja: *-nd-*), o aspecto perfectivo, assim como o aspecto habitual, tem expressões diferentes nos dois domínios. No domínio flexional, o valor perfectivo para o morfema de aspecto está sempre enfeixado com a informação de tempo e de modo – a cumulação –, o que leva à ausência de um único morfema de perfectivo para as formas finitas, como pode ser visto em *beijou*, *bebeu* e *dormiu* vs. *beijaram*,

*beberam* e *dormiram*, em que a expressão da perfectividade depende da pessoa gramatical (singular vs. plural), ainda que semanticamente sua contribuição seja a mesma – cf. § 1 e também o Quadro 1.

Já para as formas não finitas – as “formas nominais do verbo” – e para o domínio derivacional, eu vou assumir que a expressão de perfectividade se manifesta no morfema *-d*<sup>14</sup>, de participio. Como adiantado, o interesse do presente estudo jaz na contribuição semântica individual dos morfemas e não das perífrases, locuções e/ou construções em que eles aparecem; por isso, estão fora do escopo desta discussão o ASPECTO PERFEITO (*tenho cantado*) – que é diferente do aspecto perfectivo<sup>15</sup>–, o pretérito perfeito do subjuntivo (*tenha cantado*), a voz passiva (*a casa foi vendida*) e nominalizações do tipo *dar uma X-da*, em que “X” é uma base verbal (*dar uma varrida na casa*). Pondo de lado esses casos, é possível reconhecer a forma de participio em adjuntos temporais (orações reduzidas de participio) como (19) e também em adjetivos deverbais, como em (22) a seguir.

- (19) (a) Comprada a casa, Pedro pôde celebrar com sua família.  
(b) Vencida a partida, os patrocinadores puderam comemorar.

Nas sentenças em (19) – (a) para *accomplishments* e (b) para *achievements* –, a leitura de perfectividade é evidente: os eventos de comemoração são posteriores aos eventos de compra e de vencer a partida, que são apresentados como concluídos. Porém, a má formação de predicados de estado e atividade nessas construções, como mostra (20)<sup>16</sup>, sugere que há algum outro fator regulando essas construções. Vale notar que não se trata de uma restrição sintática, pois todos os verbos em (19) e (20) são transitivos diretos.

- (20) (a) ??Empurrado o carrinho, João conseguiu fechar o portão.  
(b) ??Ninada a criança, a mãe conseguiu terminar a leitura do livro.  
(c) \*Amada a Maria, Carlos a pediu em casamento.  
(d) \*Adorada a ideia, a equipe decidiu começar o trabalho.

---

14 Uma questão relevante que não será abordada neste trabalho é a do morfema *-d-* como nominalizador em formas como *pedi-d-o*, *gemi-d-o*, *chama-d-a*, *mordi-d-a*; ou seja, em casos em que a nominalização em *-d-* é a única disponível para uma dada base verbal. À primeira vista, seria possível conjecturar que se está diante do mesmo morfema aspectual; contudo, como mostra Resende (2019), neste caso, não se trata de um morfema de aspecto. Para o autor, *-d-* nesses casos é um nominalizador “empacotador” (*‘packer’*), que incide sobre a qualidade massa/contável dos nomes formados – cf. também Medeiros (2010) para mais discussão sobre *-d-*.

15 Cf. Ilari (1997), Binnick (2006) e Ilari, Oliveira e Basso (2016) para discussão.

16 Um dos pareceristas anônimos, bem como alguns falantes consultados, aceitariam sentenças como (20a-b). Para simplificar o problema, eu vou assumir que, para falantes que aceitam esse tipo de construção, o que está em jogo não é *telicidade*, mas *delimitação* – cf. Resende (2019) para análise e discussão.

O fato de o participio não ser compatível com predicados de estado e de atividade nesse tipo de construção<sup>17</sup> indica que a contribuição do morfema *-d-* não é apenas perfectiva, já que esses predicados são compatíveis com o aspecto perfectivo em formas verbais como *empurrou o carrinho*, *ninou a criança*, *amou a Maria*, *adorou a ideia* etc. Para dar conta desses casos, eu vou assumir, então, que o morfema de participio denota um valor especial de perfectivo, que é o de ASPECTO RESULTATIVO. Segundo Comrie (1976), a resultatividade está atrelada ao aspecto gramatical no sentido de que “indica que uma situação foi concluída com êxito” (p. 20, tradução própria); para o autor, a resultatividade enfatiza o estágio final da situação do evento, em vez de sua totalidade.

Em termos mais formais, isso quer dizer que a conclusão de um certo evento – neste caso, o atingimento do *telos* – gera um estado resultante que perdura depois de o evento ser concluído. Inspirado em Kratzer (2000, p. 391), eu vou admitir que a culminação do evento *e* é a causa do surgimento de um estado *s*, que faz parte da denotação do predicado resultativo e que inclui (ou é igual a) o tempo de referência, como aparece formalizado em (21).

(21)  $\llbracket [\text{RESULT}] \rrbracket = \lambda i. \lambda P. \exists e. \exists s. P(e) \wedge \tau(e) \subset i \wedge \text{CAUSA}(e, s) \wedge \tau(s) \supseteq i$

No caso dos *accomplishments* e dos *achievements*, a perfectividade indica não apenas que o evento está concluído (*e*, portanto, atingiu o *telos*), mas que há um estado resultante que perdura. Isso explica por que o participio (isoladamente) não é compatível com predicados estativos ou de atividade: estes são predicados homogêneos e não geram estados resultantes (Dowty, 1979): se Pedro comprou uma casa, a casa adquire o estatuto de “casa comprada”, mas se a equipe adorou a ideia, a ideia não adquire o estatuto de “ideia adorada”, pois não há um estado que resulte da eventualidade de adorar. Esse raciocínio se aplica também a atividades como *ninar a criança* ou *empurrar o carrinho* – cf. *\*a criança é/está ninada* / *\*o carrinho é/está empurrado*.

Evidência morfológica para essa distinção entre tipos de participio vem da compatibilidade com o prefixo *des-*, que indica reversão de um estado resultante (Medeiros, 2010). Se um rio foi “despoluído”, isso não significa que o evento de poluir foi desfeito, mas sim que o resultado desse evento foi revertido. Se o rio foi despoluído, ele tem novamente o estatuto de “não poluído”, diferentemente do que se observa para o predicado *amar*: se Maria foi amada, não há como

---

17 Convém mencionar que esta é uma restrição que parece pesar sobre participios absolutos, mas não sobre construções passivas (eventivas ou resultativas) do tipo de *o carrinho é/foi empurrado*. Simplificadamente, isso pode ser decorrência de a computação aspectual do predicado ser feita a partir de toda a construção e não apenas do morfema isoladamente – foco da presente análise.

reverter o “estado” de Maria de ter sido amada, pois não se trata de um estado resultante.

Ainda sobre o morfema de participípio, como adiantado, ele também aparece em adjetivos deverbais, como aqueles em (22). Diante dos argumentos recém-apresentados, a leitura resultativa fica mais evidente: se João é formado, então houve um evento de formatura que gerou o estado resultante “estar formado” que, então, se aplica a João – o mesmo raciocínio vale para *casado*, *graduado* etc. Em se tratando de adjetivos, pode-se admitir que a projeção adjetival (aP, por exemplo) denota a propriedade criada pelo estado resultante: se João (se) casou, então João é casado.

(22) formado, graduado, casado, poluído, fechado

Porém, mais uma vez, os predicados estativos colocam um problema para um tratamento uniforme do participípio. Como mostram os exemplos em (23), apesar das restrições que pesam sobre adjetivos deverbais estativos em construções com participípio absoluto, como (20), em outros contextos, essas formas são permitidas. No entanto, nesses casos, não apenas não há uma leitura resultativa, como também não há leitura perfectiva: *João é adorado por todos* não é uma eventualidade descrita como concluída.

- (23) (a) João é adorado por todos.  
(b) Aquela cantora é amada pelos seus fãs.  
(c) Jair é odiado nas redes sociais.  
(d) Curitiba é localizada na região sul do Brasil.

Se, como argumentado, os participípios denotam aspecto resultativo, isso explica por que eles não são compatíveis com estados ou atividades. Entretanto, os dados em (26) constituem um desafio para ambas as conclusões. Para lidar com esse problema, seguindo a proposta de Embick (2004) para o inglês, eu vou assumir que existem dois tipos de participípios adjetivais<sup>18</sup>, a saber, participípios resultativos (que denotam o estado resultante de um evento prévio) e participípios (simplesmente) estativos, que denotam uma propriedade independente de um evento prévio.

---

18 Na verdade, a proposta de Embick (2004) é a de que o inglês possui três tipos de participípio, quais sejam: os eventivos (que aparecem na voz passiva, como o *portão foi fechado*), os resultativos e os estativos. A princípio, esta é uma tipologia que pode ser estendida ao português, mas como eu não vou tratar neste trabalho de construções passivas, para os presentes propósitos, basta assumir que existem apenas dois – mas cf. Medeiros (2010), Scher, Lunguinho e Rodero-Takahira (2013, 2014), Armelin, Souza e Gonçalves (2024) e Gonçalves, Vieira e Armelin (2024) para discussão e referências.

Os participípios resultativos são aqueles em (19) e (22). Por sua vez, os participípios puramente estativos, como (23), são os que expressam uma propriedade de indivíduos (*‘individual-level’*) prototipicamente associada a predicados estativos. Duas evidências corroboram a análise de que existem duas categorias semânticas para os participípios. A primeira delas é a existência de participípios estativos com predicados eventivos, mas cuja interpretação é estativa e não depende de um evento prévio, como mostrado em (24).

- |      |                           |                             |
|------|---------------------------|-----------------------------|
| (24) | (a) A porta está fechada  | Célia é uma pessoa fechada  |
|      | (b) A porta está aberta   | Igor é uma pessoa aberta    |
|      | (c) O trabalho está feito | Pedro (já) é um homem feito |

O que os pares em (24) mostram é que os participípios na coluna da esquerda denotam o estado resultante de um evento prévio, diferentemente dos da coluna à direita, em que o participípio expressa apenas uma propriedade que não depende de um evento prévio. Isso mostra que, mesmo a partir de bases eventivas, se podem construir diferentes participípios; no entanto, apenas participípios estativos se combinam com bases estativas. A segunda evidência é morfofonológica e advém dos participípios abundantes.

Para alguns verbos, existem duas formas de participípio: uma regular e temática (isto é, que exibe a vogal temática verbal) e outra aтемática, bastante produtiva nos então chamados “participípios inovadores” (Lobato, 1999; Chagas de Souza, 2011; Scher, Lunguinho; Rodero-Takahira, 2013; Nevins; Rodrigues, 2014). Para esses verbos, ao passo que a forma temática é compatível apenas com a leitura resultativa, a forma aтемática é bem formada apenas com a leitura estativa, como mostram (25) e (26).

- (25) (a) Pedro é uma pessoa omissa / \*omitida com seus compromissos.  
(b) Você não encontrou o PDF, pois esse arquivo é impresso / \*imprimido.  
(c) A casa de Ana é (muito) limpa / \*limpada.  
(d) A uva passa é uma fruta seca / \*secada.  
(e) Regina é paga / \*pagada para atender o telefone.
- (26) (a) Omitidos / \*omissos alguns detalhes, César pôde contar o que houve.  
(b) Imprimido / \*impresso o documento, o advogado pôde reavaliar o caso.  
(c) Limpada / \*limpa a casa, Ana decidiu descansar.  
(d) Secada / \*seca a roupa, Sérgio começou a pensar no que vestir para a festa.  
(e) Pagada / \*paga a conta, Jorge pôde calcular quanto dinheiro havia sobrado.

A discussão sobre a morfologia, a sintaxe e a semântica dos participípios é muito mais complexa e multifacetada do que esta breve exposição sugere, e discutir detalhadamente cada um desses aspectos iria muito além dos objetivos (e do

espaço) deste trabalho. O ponto crucial desta discussão é apenas mostrar que a contribuição semântica do morfema de particípio (pelo menos, nos contextos em que é possível isolá-lo) é resultativa e é compatível apenas com predicados dinâmicos (isto é, que envolvem um evento prévio e um estado resultante). No caso dos predicados estativos e de atividade, o morfema *-d-* tem uma contribuição semântica diferente, que se assemelha à de uma adjetivização.

Segundo a presente análise, o fato de *-d-* aparecer também nesses contextos é reflexo da ausência de uma morfologia contrastiva para a maioria dos verbos; todavia, os verbos abundantes e os particípios inovadores constituem evidência de que há uma diferença estrutural (e morfofonológica) que regula os particípios que têm uma contribuição resultativa daqueles que não têm.

## **| O aspecto neutro**

O reconhecimento de “neutro” como sendo um terceiro valor aspectual e não a ausência de marcação de aspecto (como assumido por muitos autores mencionados no Quadro 2) não é novo na literatura – cf. Smith (1997) para uma proposta influente. No entanto, a análise de que o português tem em seu inventário morfológico um morfema desse tipo é bastante recente e pioneiramente desenvolvida por Pires de Oliveira e Resende (2023).

Especificamente, como mostram os exemplos em (27) e (28), as formas infinitivas são compatíveis tanto com expedientes imperfectivos quanto perfectivos. Além disso, os infinitivos aparecem igualmente em ambientes prototipicamente nominais (como nominalizações) e prototipicamente verbais (como complemento de verbos auxiliares), além de ambientes *mistos* (Brito, 2013; Resende, 2016, 2021; Resende; Pires de Oliveira, 2022), como quando aparecem como núcleo do sujeito, por exemplo.

- |   |                        |
|---|------------------------|
| (27) (a) Ao atravessar o campo, João se sentia vitorioso. | (leitura imperfectiva) |
| (b) Ao atravessar o campo, João se sentiu vitorioso.      | (leitura perfectiva)   |
| (28) (a) O cantar dos pássaros me acordou.                | (ambiente nominal)     |
| (b) Os pássaros vão cantar nesta manhã.                   | (ambiente verbal)      |
| (c) Os pássaros cantarem deixou Pedro zangado.            | (ambiente misto)       |

Discutir – ou (re)motivar – todos os contextos morfossintáticos de ocorrência dos infinitivos iria muito além do escopo deste trabalho; portanto, vou apenas assumir, seguindo Pires de Oliveira e Resende (2023), que o morfema de infinitivo dá a mesma contribuição semântica *aspectual* em todas as suas ocorrências, a saber, a de aspecto neutro. Inspirando-se em Smith (1997), os autores

propõem que a leitura neutra se dá quando o tempo de referência contém apenas o *onset* do evento (isto é, seu estágio inicial); ou seja, ao posso que o imperfectivo descreve o desenvolvimento do evento, e o perfectivo o descreve como concluído, o aspecto neutro indica apenas que o evento começou, como formalizado em (29), em que *e'* se refere ao *onset* do evento, adaptado de Pires de Oliveira e Resende (2023, p. 10) – cf. também a proposta de Bohnemeyer (2014) para o ASPECTO INGRESSIVO com uma modelagem e uma formalização semelhantes.

(29)  $\|[\text{NEUT}]\| = \lambda i. \lambda P. \exists e. \exists e'. P(e) \wedge e' \sqsubseteq e \wedge \tau(e') \subseteq i$

Sintetizando a proposta de Pires de Oliveira e Resende (2023), a postulação de um aspecto neutro constitui uma vantagem teórica de criar um sistema tripartite que, no caso do PB, dá conta de explicar a distribuição dos morfemas de gerúndio, particípio e infinitivo quanto à sua categoria e contribuição aspectual.<sup>19</sup> Empiricamente, a ideia de que apenas o estágio inicial do evento está contido no tempo de referência (isto é, o *onset* do evento é descrito como concluído) faz previsões interessantes.

Com relação a atividades e *accomplishments*, o emprego do infinitivo apenas indica que o evento começou; então, diante de um modificador temporal, o estágio do evento que é situado no tempo é o do início, e não o do término. Isso fica claro com predicados atélicos de atividade e de estado: em *correr ao meio-dia*, o horário indica o início do evento de corrida; já *\*acreditar em duendes ao meio-dia* é malformado, pois estados não têm “estágios” (Rothstein, 2004) e, portanto, não podem ser subdivididos em unidades menores; ou seja, não se pode determinar com exatidão o início de um estado.

Já para os eventos télicos, como pode ser visto em (30), *montar a estante ao meio-dia* não se refere ao término do evento, mas sim ao início. Quanto aos predicados *achievement* em (31), uma vez que se trata de eventos pontuais e instantâneos, sem estágios (Rothstein, 2004), o *onset* do evento representa, na verdade, o evento inteiro. Isso explica a estranheza de (31a). Ainda a respeito disso, vale notar que, quando predicados *accomplishment* ocorrem nesse contexto, apesar de a leitura de que o evento está concluído ser possível, segundo a presente análise, trata-se de uma implicatura, dada a gramaticalidade de (32).

(31) (a) O marceneiro pretende [montar a estante ao meio-dia].

(b) [montar a estante ao meio-dia] é uma atitude precipitada.

---

19 Cf. Pires de Oliveira & Resende (2023, p. 7-8) para argumentos empíricos e motivações teóricas contra a ideia de que os infinitivos podem ser subespecificados para aspecto.

(32) (a) \*João viu [Maria cair], mas ela não caiu.

(b) João viu [Maria caindo], mas ela não caiu.

(33) João viu [Maria pintar a parede], mas ela não terminou.

Ainda sobre a contribuição aspectual dos infinitivos, convém apresentar mais dois argumentos em favor do aspecto neutro (nos termos apresentados nesta seção). O primeiro deles provém dos infinitivos nominais. Como mostram os exemplos em (33), as nominalizações infinitivas quando ocorrem com seu argumento interno não admitem pluralização (Pires de Oliveira; Resende, 2023). Isso pode ser explicado pela análise de *que*, no que tange ao domínio aspectual, a pluralização só é compatível com eventos perfectivos (Alexiadou; Iordăchioaia; Soare, 2010), dado que só se podem contar eventos que foram concluídos.

(34) \*os cantares das aves, \*os narrares dos fatos, \*os amanheceres do dia

O segundo argumento vem dos imperativos<sup>20</sup>. Embora bastante restrito, um dos recursos disponíveis para o imperativo no PB é a forma infinitiva, como mostra (34). O que é interessante a respeito da contribuição aspectual dessas formas é que o escopo da “ordem” recai não sobre o fim do evento, mas sim, sobre seu estágio inicial.

(35) (a) Favor não alimentar os animais.

(b) Favor não fumar neste local.

Especificamente, com (34a), o falante não quer dizer “não termine de alimentar os animais”, mas sim, “não comece a alimentar os animais”. O mesmo raciocínio se aplica a (34b), em que a ordem é para não se iniciar um evento de fumar no local, e não para não terminar tal evento; ou seja, o escopo do imperativo (e da negação) está, de fato, sobre o *onset* do evento.

## | Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar e discutir alguns problemas que emergem para o mapeamento entre forma e significado especificamente no que concerne à contribuição aspectual dos morfemas individuais. Especificamente, este estudo apresentou e discutiu os principais contextos em que os morfemas aspectuais do PB aparecem, sobretudo no domínio derivacional e no das formas não finitas. O propósito foi o de explicitar e formalizar algumas de suas propriedades formais bem como suas diferentes nuances de significado.

---

20 Agradeço ao Yan Massetto Nicolai por me chamar a atenção para esse fato e também pelas conversas sobre esse problema.

De todo modo, como mostrado, parte do mapeamento forma/significado é obscurecido pelo fato de que, nas formas finitas no domínio verbal, a informação de aspecto é enfeixada juntamente com outras informações gramaticais. Quanto às formas não finitas, apesar de os morfemas de aspecto serem discretos, o mapeamento forma/significado é obscurecido pelo fato de eles normalmente aparecerem em construções com verbo auxiliar (que evidentemente contribuem semanticamente para a composição semântica do predicado) ou em outros tipos de construção que não foram abordadas neste estudo, tais como a voz passiva e o tempo perfeito.

Ainda assim, o presente trabalho buscou apresentar e motivar, de maneira formal e composicional, os diferentes valores aspectuais que a gramática do PB dispõe bem como argumentar que muitos dos problemas que obscurecem o mapeamento entre forma e significado são, na verdade, morfofonológicos (ou morfossintáticos), tendo em vista que o mesmo valor aspectual pode ser expresso por diferentes expedientes a depender da categoria.

Seja como for, certas estruturas sintáticas (algo também a ser mais bem compreendido) favorecem diferentes nuances semânticas mesmo dentro das subcategorias aspectuais (como o imperfectivo ser habitual e progressivo; o perfectivo poder ser resultativo etc.). Em síntese, apesar de suas lacunas, este trabalho consiste em uma tentativa de abordar tanto a expressão quanto o significado formal das leituras aspectuais, endossando uma agenda de pesquisa em morfossemântica.

## | Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Roberta Pires de Oliveira, ao Renato Basso e à Fernanda Rosa da Silva pela leitura do manuscrito deste artigo e por todas as questões, sugestões e comentários, que ajudaram a levar este texto à sua versão final. Um agradecimento especial também aos membros do Grupo de Estudos em Semântica Formal da UFMG, a quem eu apresentei, pela primeira vez, algumas das ideias desenvolvidas neste trabalho. Todos os erros são meus.

## | Referências

ALEXIADOU, A.; IORDĂCHIOAIA, G.; SOARE, E. Number/aspect interactions in the syntax of nominalizations: a Distributed Morphology approach. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 46, p. 537-574, 2010.

- ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. O comportamento categorial ambíguo dos gerúndios: gerúndios verbais e nominais. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 421-438, 2021.
- ARMELIN, P. R. G.; SOUZA, D. M.; GONÇALVES, L. Switching categories in syntax: parallels between infinitival nominalizations and analytical passives in Brazilian Portuguese. **Isogloss**, Barcelona, v. 10, n. 6, p. 1-33, 2024.
- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. A relação entre perfectividade e telicidade no português brasileiro. *In*: PIRES DE OLIVEIRA, R.; MIOTO, C. (org.). **Percursos em teoria da gramática**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 183-203.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective = telic confusion'. *In*: **SEMANTIC INTERFACES: REFERENCE, ANAPHORA, AND ASPECT**. Stanford: CSLI Publications, 2001. p. 177-210.
- BERTUCCI, R. A.; ROTHSTEIN, S. Stative predicates in the progressive in Brazilian Portuguese. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 306-329, 2019.
- BINNICK, R. Aspect and aspectuality. *In*: AARTS, B.; MCMAHON, A. (ed.). **The handbook of English Linguistics**. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2006. p. 244-267.
- BOHNEMEYER, J. Aspect vs. relative tense: the case reopened. **Natural Language & Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 32, n. 3, p. 917-954, 2014.
- BRITO, A. M. Tensed and non-tensed nominalization of the infinitive in Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 12, n. 1, p. 7-40, 2013.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHAGAS DE SOUZA, P. Participios atemáticos no PB: um processo paradigmático. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, n. 5, p. 1-10, 2011.
- COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015 [1990].
- DOWTY, D. R. **Word meaning and Montague grammar: the semantics of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. Dordrecht; Boston; London: D. Reidel, 1979.

EGG, M. Semelfactives. **Oslo Studies in Language**, Norway, v. 10, n. 2, p. 65-81, 2018.

EMBICK, D. On the structure of resultative participles in English. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 35, n. 3, p. 355-392, 2004.

FERREIRA, M. On the Indexicality of Portuguese past tenses. **Journal of Semantics**, Oxford, v. 34, n. 4, p. 633-657, 2017.

FERREIRA, M. The semantic ingredients of imperfectivity in progressives, habituals, and counterfactuals. **Natural Language Semantics**, Berlin, v. 24, n. 4, p. 353-397, 2016.

GONÇALVES, L.; MATOS, K. V.; ARMELIN, P. The role and formal status of participles in verbal passives. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 353-374, 2024.

ILARI, R. **A expressão do tempo**. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios, 237).

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, R.; BASSO, R. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004.

ILARI, R.; MONTOANELLI, I. As formas progressivas do português. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 5, p. 27-60, 1983.

ILARI, R.; OLIVEIRA, M. F.; BASSO, R. Tense and Aspect: a survey. *In*: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (ed.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Malden; Oxford; Carlton: Wiley, 2016. p. 392-407.

KLEIN, W. **Time in language**. London; New York: Routledge, 1994.

KRATZER, A. Building statives. **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**, Berkeley, v. 26, p. 385-399, 2000.

LANDMAN, F. The progressive. **Natural Language Semantics**, [s. l.], v. 1, p. 1-32, 1992.

LOBATO, M. L. P. Participios rizotônicos de primeira conjugação e deverbais não afixais no português. **Palavra**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 29-68, 1999.

LUNGUINHO, M. Dependências morfossintáticas: a relação verbo auxiliar-forma nominal. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 457-489, 2006.

LUNGUINHO, M.; BERTUCCI, R. When the progressive and the aspectual classes meet: the case of Brazilian Portuguese. *In*: MOLSING, K. V.; IBANÕS, A. M. T. (ed.). **Time and TAME in language**. Cambridge: Cambridge Scholar Publishing, 2013. p. 126-158.

MEDEIROS, A. B. Aspecto e estrutura de evento nas nominalizações do português do Brasil: revendo o caso das nominalizações em -ada. **Letras**, Curitiba, v. 81, p. 99-122, 2010.

MEDEIROS, A. B. O particípio presente no português. **Letras**, Curitiba, v. 69, p. 191-211, 2006.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MÜLLER, A. A semântica aspecto-temporal das leituras de simultaneidade e de habitualidade. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 231-249, 2020.

NEVINS, A.; RODRIGUES, C. Athematic participle choice is predicted by argument structure. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 225-262, 2014.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; RESENDE, M. On the T(ense) and Asp(ect) in the derivation of infinitives in Portuguese. **Isogloss**, Barcelona, v. 9, n. 3, p. 1-21, 2023.

PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1972.

RECH, N. F. Hierarquia dos núcleos funcionais no português brasileiro. **Revista da Anpoll**, [s. l.], v. 1, n. 31, p. 207-225, 2011.

RESENDE, M. As raízes da semântica e a semântica das raízes: notas sobre “conteúdo semântico” em Morfologia. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 18-42, 2023.

RESENDE, M. Notas sobre competição e bloqueio de afixos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 61, p. 1-21, 2019.

RESENDE, M. Por uma releitura das nominalizações em infinitivo do português. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 26-37, 2016.

- RESENDE, M. Sobre a sintaxe da interpretação temporal dos infinitivos em português. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 403-425, 2021.
- RESENDE, M.; BASSO, R. Simple nouns are not that simple: a survey of event nominals with no verbal counterpart. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 28, n. 2, p. 1-21, 2024.
- RESENDE, M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Portuguese infinitives: their pieces and their meaning. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 21, n. 1, p. 1-28, 2022.
- RODRIGUES, P. A. O aspecto nas construções infinitivas e gerundivas complementos de verbos de percepção. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 77-98, 2006.
- ROTHSTEIN, S. **Structuring events**: a study in the semantics of lexical aspect. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2004.
- SCHER, A. P.; LUNGUINHO, M.; RODERO-TAKAHIRA, A. G. Innovative participles in Brazilian Portuguese. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 92-111, 2013.
- SCHER, A. P.; LUNGUINHO, M.; RODERO-TAKAHIRA, A. G. Voice (a)symmetries and innovative participles in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 45-64, 2014.
- SCHMITT, C. Cross-linguistic variation and the present perfect: the case of Portuguese. **Natural Language & Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 19, p. 403-453, 2001.
- SCHWINDT, L. C. Morfologia. In: OTHERO, G.; SCHWINDT, L. C.; BATTISTI, E. (org.). **Manual de Linguística**: fonologia, morfologia e sintaxe. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SMITH, C. **The parameter of aspect**. 2. ed. Dordrecht: Springer Netherlands, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: UFU, 1981.
- WACHOWICZ, T. C. As leituras aspectuais das formas do progressivo do PB. **Letras**, Curitiba, v. 58, p. 397-406, 2002.
- WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2006.

**Como citar este trabalho:**

RESENDE, Maurício. Aspectos do aspecto: revisitando a discussão sobre os morfemas aspectuais do português. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 222-249, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 18/07/2025 | Aceito em: 28/02/2026.

Submetido em: 18/07/2025 | Aceito em: 28/02/2026.